



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA



ELIFRANE SIQUEIRA RIBEIRO

AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

PROJETO 5- FASE II

BRASILÉIA – 2018

ELIFRANE SIQUEIRA RIBEIRO

AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

PROJETO 5- FASE II

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB sob orientação do professor Dr. Francisco Thiago Silva.

BRASILÉIA – 2018

Ficha Catalográfica

RIBEIRO, Elifrane Siqueira. Autismo na Educação Infantil, Brasília-Ac, Novembro de 2018. 46 páginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.

FE/UnB-UAB

ELIFRANE SIQUEIRA RIBEIRO

AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito básico para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Brasília, sob orientação do professor Dr. Francisco Thiago Silva.

.

_____ em 2018, com nota _____

Membros da Banca Avaliadora

Dr. Francisco Thiago Silva
Orientador

Membro Interno

Membro Interno

Dedico este trabalho a Deus, que me deu saúde, sabedoria e iluminou meu caminho durante toda a jornada. Agradeço ao meu esposo, à minha mãe, e a todos que direta ou indiretamente estiveram do meu lado para que esse sonho de fato venha a ser concretizado e a todos meus amigos que com carinho e amor acreditaram e compartilharam de meu sonho.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

Agradeço aos meus pais, que me deram apoio e incentivo nas horas difíceis. Sou grato (a) também aos meus amigos que direta ou indiretamente torceram para que no fim desse tudo certo. Obrigada ao meu esposo, que me estimulou durante todo o caminho e compreendeu minha ausência pelo tempo dedicado aos estudos. Meus agradecimentos aos irmãos, sobrinhos, tios e avós, que de alguma forma também contribuíram para que o sonho da faculdade se tornasse realidade.

“Ensina-me de várias maneiras, pois
assim sou capaz de aprender.”

(Cíntia Leão Silva)

RESUMO

O trabalho com autistas tem sido pouco explorado na sociedade e carece de informações para o auxílio dos professores em âmbito escolar. Os autistas fazem parte do grupo de pessoas portadoras de deficiências, exigindo assim uma educação especial e inclusiva para a promoção de seu desenvolvimento. Sabe-se que atualmente, os autistas não têm recebido a atenção necessária e devida e por isso, o seu desenvolvimento e inserção na sociedade se mostram tão longe do ideal e esperado. Tendo em vista tais aspectos, o enfoque principal deste trabalho é proporcionar informações claras e objetivas acerca do autismo, visando também, por meio da pesquisa investigativa, reconhecer o nível de conhecimento dos professores, vistos como educadores, em relação ao tema e suas capacitações para permearem tal educação. Mediante estudos, observa-se que a maioria dos professores não possui conhecimento suficiente e adequado para lidar com autistas em sala de aula, não tendo bases para desenvolver um trabalho eficaz com esses alunos. Para isso, é preciso que conheçamos para incluir. Também nos parece claro que é de competência do professor e dos órgãos responsáveis pela educação a busca e a oferta por cursos de formação continuada, uma vez que ainda em quantidade pequena, estes alunos já se fazem presentes nas salas de aula, portanto, devemos oferecer a esses alunos os mesmos direitos quando falamos de educação com qualidade.

Palavras-chave: (1); Autismo;(2) inclusão ; (3) adaptação;

ABSTRACT

Work with autism has been little explored in society and lacks information for the assistance of teachers in school. Autistics are part of the group of people with disabilities, thus requiring special and inclusive education to promote their development. It is known that today, the autistic have not received the attention necessary and due and therefore, their development and insertion in society are so far from the ideal and expected. In view of these aspects, the main focus of this work is to provide clear and objective information about autism, aiming also, through research, to recognize the level of knowledge of teachers, as educators, in relation to the subject and their abilities to permeate such education. Through studies, it has been observed that most teachers do not have adequate and adequate knowledge to deal with autistic in the classroom, having no basis to develop effective work with these students. For this, we must know to include. It also seems clear to us that it is the competence of the teacher and of the bodies responsible for education to search for and offer for continuing education courses, since even in small numbers these students are already present in the classrooms, so we must offer to these students the same rights when we speak of quality education.

Keywords: (1); Autism; (2) inclusion; (3) adaptation;

SUMÁRIO

Memorial educativo.....	11
Introdução.....	16
Capitulo I- Autismo: Conceito, Causas e Sintomas.....	19
Capitulo II- Autismo na Educação Infantil.....	27
Capitulo III- Procedimento Metodologico.....	35
Considerações Finais.....	39
Referencias Bibliograficas.....	41
Anexos.....	31
Perspectiva Profissional.....	45

MEMORIAL

FORMAÇÃO ESCOLAR

Sou a Elifrane, moro em Brasileia, tenho 31 anos sou viúva, não tenho filhos, esta é a minha segunda faculdade. A minha trajetória escolar não foi nada fácil. Para ingressar na escola, tive que passar por alguns processos devido que minha família morava na zona rural e lá não tinha acesso a escola, assim meus pais decidiram mudar para a cidade para que eu e meu irmão pudéssemos estudar, eles queriam que nós tivéssemos uma vida diferente da deles.

Atualmente trabalho numa ótica como gerente, depois de terminar o ensino médio, decidi que iria cursar pedagogia então resolvi fazer minha inscrição para o vestibular. E conseguir passar para minha alegria, Passei e comecei com muito entusiasmo, mesmo que, às vezes, as pessoas me perguntavam: “Mas por que Pedagogia? Que coisa sem graça...” Ao passar os dias, percebi que cursar uma faculdade não é fácil, mas faz a gente formar, pensar e criar novos conceitos sobre a educação de todos e, mais ainda, a nossa própria educação.

FORMAÇÃO ACADÊMICA

A faculdade nos abre espaços que, muitas vezes, em toda a caminhada da escola, não foram propostos para nós, e isso atualmente acho muito importante, porque quantas foram as vezes que tinha algo a falar ou até a protestar, e não tinha uma chance sequer para isso acontecer.

Quando comecei a faculdade, tinha entusiasmo, agora tenho alegria, prazer, curiosidade no que estou fazendo, o que me deixa triste é o fato de eu não aproveitar 100% do curso por motivo de tempo, mas tento aproveitar todos os momentos que me oportunizam a conhecer e a aprender. Socializar é uma das coisas que aprendi no curso, porque antes eu era muito tímida ainda sou, mas não como antes.

Nunca tinha atuado como professora, mas na faculdade tive a oportunidade de estagiar com a educação infantil, que na verdade amei, simplesmente me apaixonei pela educação infantil, pois senti muita insegurança na minha prática. Não sei se foi por ser inexperiente, ou a primeira vez, Acho também que, muitas vezes, o medo

tomou conta de mim, e confesso: tive vontade de sair correndo da sala de aula, mas comecei a me acostumar e me adaptar em ser uma professora estagiária sendo conquistada cada dia mais com o carinho das crianças.

Pretendo sim continuar, fazer mestrado ou especialização dentro dessa área. Com a Pedagogia, aprendi que o segredo está no olhar, que o professor junto de seus alunos tem que aprender a aprender e que valorizar o aluno não é dar boas notas, mas reconhecer sua bagagem, sua história, fazer com que a aprendizagem seja significativa e não somente aplicar conteúdos que na realidade não têm uma ligação com o cotidiano do aluno.

Procurei aproveitar minha disposição e aceitar esta nova batalha como forma de conseguir mais conhecimentos, descobrir novos métodos e tentar mudar a educação, resgatando seus valores e tornar uma educação de qualidade, e que os brasileiros sejam os melhores do mundo. Tudo isso é possível quando nos esforçarmos para mudar e melhorar.

Ser um educador questionador de seus próprios atos, que procure transformar o educando num sujeito instigador que é o principal alvo deste processo. Esta mudança com certeza está acontecendo, a partir do momento que o educador procura descobrir suas potencialidades e proporcionando assim, profundas realizações para ele próprio e para o educando.

A partir da quase conclusão deste curso estou vendo a nova educação, os métodos de ensino, não só meus, e sim, de todos aqueles que estão concluindo este curso.

Educação com cara nova, educadores conscientes e compromissados, capazes de realizar grandes mudanças no campo da educação nacional.

Procurarei colocar em prática tudo o que aprendi durante este curso. Adotarei os métodos adequados e incentivadora para que no futuro, alunos possam colher dentro de suas próprias casas os bons frutos de tudo que eles conseguiram semear na escola.

DIFICULDADES NO CURSO

No começo do curso tive algumas dificuldades, por não saber acessar a plataforma foi algo diferente para mim, mais com o passar dos dias fui me adaptando, o

ensino a distância tem uma certa dificuldade por muitas vezes não termos aquele contato físico com o professor isso dificulta um pouco a nossa aprendizagem, devido que para tirarmos as nossas dúvidas fica mais complicado. Por outro lado, vemos que o ensino a distância facilitou muito a vida de muita gente que não tinha como fazer uma faculdade presencial.

Apesar de ser uma modalidade de ensino que está crescendo no país, a educação a distância ainda possui dificuldades.

O tutor pode ser o elemento provocador da desistência do aluno, devido às dificuldades de comunicação, falta de estímulo, demora no feedback dos exercícios enviados e a pouca participação nas ferramentas interativas do ambiente virtual de aprendizagem. A comunicação entre professor e aluno se dá quase que exclusivamente por meio da internet, por isso, é necessário termos cautela na escolha dos termos, no tom e no conteúdo das mensagens.

Por outro lado se o aluno não estiver preparado para estudar on-line, os resultados podem não ser os esperados. Antes de iniciar o estudo dos módulos do curso, é necessário que o tutor coordene a ambientação dos alunos no curso e inicie a socialização do grupo. Este procedimento, juntamente com um roteiro de navegação, propicia ao aluno não somente conhecer o ambiente do curso, mas também explorar as diversas ferramentas e recursos disponíveis.

APRENDIZAGEM E EXPERIÊNCIAS

É sempre bom fazermos comparações do antes e depois. A realidade hoje é bem diferente de antes. Depois que passei a cursar pedagogia, tenho outra visão sobre o ensino / aprendizagem. Quando adquire-se outros conhecimentos, adquire-se novas formas de transmitir conhecimentos e metodologias.

A necessidade de melhoria, através de métodos inovadores, uma busca incessante de mudanças na forma de pensar e agir fez com que eu valorizasse muito mais ainda este curso. É sempre bom querer mudar para melhor e essa mudança precisa começar por nós educadores. A partir deste curso, faço reflexões constantemente sobre a minha prática docente, tentando passar no futuro para os meus alunos uma nova visão do que é educação, procurando formar novas ideias, arrancando de dentro de cada um, a capacidade de criar, instigando-os as descobertas e desafios.

Educar é preparar o aluno para a vida com capacidade de transformar a sociedade. Formando o aluno para o exercício da sua cidadania é papel importante no processo educativo.

Algumas disciplinas me ajudaram a chegar nesse conceito de que devemos estar em constante aprendizado para passarmos o melhor para os nossos alunos, uma delas é a criança portadora de necessidades especiais, a outra é Introdução à classe Hospitalar, essa me fez ver a posição que os profissionais dos hospitais tomam em relação ao acompanhamento dos pais, pode ser compreendida como de grande fundamentação, mas se for levar a fundo a questão e investigar com calma cada acontecimento será possível esclarecer que a melhora das crianças se dá muito mais através da presença do que mesmo com a ausência da família, pois deste modo é possível fazer um acompanhamento detalhado da evolução da criança, sem contar que deste modo é mais provável a família tomar conhecimento da doença, tirar conclusões, ou ainda criar grupos de ajuda para outras pessoas que também estão vivenciando estas mesmas condições.

Quanto a disciplina de projeto ao longo do curso ganhei bastante experiência e aprendizado, do começo da educação no Brasil, através do manifesto dos pioneiros, a escola integral e única proposta pelo manifesto era definida em oposição à escola existente, chamada de "tradicional". Assim conceituava o manifesto a "escola ou educação nova": "A educação nova, alargando sua finalidade para além dos limites das classes, assume, com uma feição mais humana, a sua verdadeira função social, preparando-se para formar 'a hierarquia democrática' pela 'hierarquia das capacidades', recrutadas em todos os grupos sociais, a que se abrem as mesmas oportunidades de educação.

Com a continuação de Projeto 3, vemos a questão do PPP da escola, O PPP deve possibilitar aos membros da escola, uma tomada de consciência dos problemas e das possíveis soluções, estabelecendo as responsabilidades de todos. A presença do debate democrático possibilita a produção de critérios coletivos no seu processo de elaboração, assimilando significados comuns aos diferentes agentes educacionais e colaborando com a identificação desses com o trabalho desenvolvido na escola.

Em projeto 4, desenvolvemos a prática pedagógica, onde realizamos nosso projeto de intervenção e os nossos estágios, à questão da flexibilidade em relação à observação e à intervenção, possibilitou maior aprendizado em relação aos recursos que

devemos utilizar, as práticas que devemos desempenhar, o cuidado com o modo de falar por se tratar de crianças abaixo de 6 anos e, sobretudo, a questão da forma de ensinar, já que cada aluno tem o seu tempo. E no segundo período de Projeto 4, estagiamos na coordenação pedagógica e foi de grande valia para a nossa aprendizagem. Esse pra mim foi o que mais aproveitei pois nunca tinha entrado em sala de aula, e pude aprender e ganhar experiência no meu estagio, juntamente com os alunos e as professoras, foi um momento muito gratificante para mim eu diria inesquecível.

Portanto, agora estamos na fase do Projeto 5 fase 1, como preparação para o TCC, ainda não me decidi no tema, como são tantos assuntos ainda estou em dúvida no que melhor se encaixa para mim abordar. Mais acredito que no decorrer do semestre já vou ter me decidido sobre o tema.

Portanto, foram muitas as disciplinas até o momento e cada uma trouxe um significado e ensinamento diferente, todas as disciplinas foram de extrema importância para este curso e tiveram da minha parte uma compreensão melhor despertando novas ideias, fortalecendo de formas bastante significativas o meu futuro profissional.

Procurei aproveitar minha disposição e aceitar esta nova batalha, como forma de conseguir outros conhecimentos, descobrir novas metodologias resgatando valores, redescobrimo novas qualidades. Tudo isso é possível, quando procura-se mudar, transformar para a melhoria do educando. A questão disso, não é descarta-la e sim aproveitar tudo de bom que possa ser oferecido para um bom crescimento na qualidade intelectual. Refiro-me principalmente à pratica educativa dos métodos de ensino.

1. INTRODUÇÃO

Transtorno do Espectro Autista é um assunto cada vez mais presente nos debates sobre educação. Nos dias atuais, a palavra autismo surgiu de forma explosiva, embora há muitos anos temos estudos sobre essa temática. Sabe-se também, que esse trabalho sobre crianças autistas tem sido pouco explorado na sociedade escolar, que necessita de informações para auxiliar profissionais no âmbito educacional. No entanto, faz-se necessário conhecer que os autistas fazem parte do grupo de pessoas portadoras de deficiências, exigindo, assim, uma educação não só especial, mas inclusiva para a promoção de seu desenvolvimento e autonomia.

Todavia, conhecemos que os autistas tanto no âmbito social quanto no escolar, não têm recebido a atenção necessária, devido a isso, seu desenvolvimento e inserção no meio social têm estado tão longe do ideal principalmente do esperado.

Tendo em vista tais aspectos, o objetivo principal deste trabalho é compreender como se dar a inclusão de alunos autistas na Escola Municipal de Educação Infantil Menino Jesus da cidade de Brasília no Estado do Acre.

Atualmente, observa-se que muitos docentes não têm conhecimento suficiente para lidar com o autismo em sala de aula, entretanto, não tendo conhecimento acerca, não é possível ter base para desenvolver um trabalho eficaz com esses alunos que a cada dia tem aumentado a sua procura por escola.

As estratégias educativas adaptadas direcionadas para o desenvolvimento da aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista- TEA requerem uma transformação que proporcione o avanço das inúmeras habilidades dos alunos com TEA. Sendo assim, as mesmas devem ser desenvolvidas visando romper as maiores dificuldades. Para o docente desenvolver as estratégias educativas adaptadas, a escola poderá auxiliar o profissional com alguns materiais que o mesmo possa vir a utilizar em suas aulas. Assim, o docente deverá pesquisar métodos e estar sempre se atualizando aos mais eficazes com o intuito de obter o êxito de seus alunos nas etapas da aprendizagem (MELO, 2010).

Nesse sentido, o professor terá a incumbência de estar inovando suas práticas, tendo sempre flexibilidade e compreensão em sala de aula, estando consciente de que o processo que se constitui em educar uma criança com TEA é complexo, mas é possível desde que ele trabalhe de forma organizada, também é importante que os alunos com

TEA tenham uma rotina no cotidiano escolar, a sala deve ser adaptada de uma forma que contribua diretamente para a aquisição do aprendizado destes.

Sobre o exposto Gomes, Balbino e Silva (2014) ressaltam que, para realizar o processo de aprendizagem com as crianças com TEA é necessária a realização de um trabalho sistematizado e baseado em rotinas, além disso, é importante enfatizar que o ambiente de aprendizagem deve ser propício e estimulante e que o ensino aconteça de forma natural para que a criança tenha interesse em realizar a atividade proposta e se sinta envolvida enquanto suas necessidades estejam sendo atendidas.

A escolha correta das estratégias educativas adaptadas é de suma importância para o sucesso na aprendizagem porque quando nos referimos a crianças com TEA, podemos compreender que as mesmas possuem peculiaridades e respostas diferenciadas frente às atividades em sala de aula. O professor deve escolher atividades que estejam fragmentadas, e que trabalhem processos periódicos fazendo com que as professoras se habituem às etapas e consigam concluir com satisfação o que lhe for proposto.

Tanto as escolas quanto os professores devem de fato estar preparadas para incluir qualquer aluno, seja ele autista ou portador de qualquer outra necessidade educativa. Para isso, nada mais do que conhecer para poder de fato incluir e não excluir por falta de conhecimento.

Sabe-se que hoje nossas escolas têm um número crescente de alunos que são diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e pouquíssimo tem sido feito pela busca desse conhecimento, e sabemos que é necessário oferecer a esses alunos os mesmos direitos quando falamos de educação com qualidade.

A Educação Infantil, como primeira etapa escolar da criança, precisa estar preparada para trabalhar com os alunos independentemente de sua diferença, pois o processo de inclusão escolar ou exclusão começa ali. Mas, como a escola pode se organizar para receber esse aluno? E o professor, o que pode e deve fazer? Qual o papel dos pais nesse momento? Buscando atender a tais questionamentos, a seguir apresentamos um breve histórico contextualizando o autismo seguido da abordagem da Educação Infantil no processo de inclusão desses alunos. Almeja-se que essa pesquisa contribua para professores da educação infantil diante de tal contexto.

O autismo e demais transtornos do desenvolvimento estão sendo cada vez mais discutidos na área da Educação. Seja pela questão da inclusão ou pela preocupação com a formação profissional. A Educação Infantil é a primeira etapa a ser enfrentada pela

criança com o diagnóstico comprovado de tais transtornos, sendo assim, o objetivo deste artigo é discutir com base na literatura o que pode ser oferecido pela Escola Municipal de Educação Infantil Menino Jesus para receber e atender esses alunos.

Para fundamentar a pesquisa utilizamos diversos autores que têm se dedicado ao estudo dos transtornos e discutem sobre as necessidades em cada um deles, concluindo a importância de discutir e contribuir para que a criança seja vista além de sua necessidade.

Para tanto, a necessidade de se falar sobre a temática aqui apresentada, é na busca de um melhor entendimento sobre como serão inseridos essas crianças na primeira etapa do ensino, que é a educação infantil, visando com isso, fazer com que se busque conhecer sobre o tema para de fato oferecer a esses clientela um ensino de qualidade, pois só havendo a inclusão dessa criança em todos os aspectos de desenvolvimento escolar, poderemos de fato dizer que estamos aptos a receber essa clientela nas escolas, como desenvolver um processo de ensino com os mesmo.

Esse trabalho se justifica pela importância de se pensar em uma alternativa de incluir ao invés de excluir, onde professores reflitam sobre o verdadeiro sentido de inclusão, onde é necessário conhecer para de fato incluir. Justifica-se ainda, pela possibilidade de, enquanto estudante de Pedagogia em processo de Conclusão de Curso, refletir sobre a formação obtida no curso, tendo em vista o exercício da docência.

Dessa forma, tem-se como objetivos:

- Analisar como se dá a inclusão de alunos autistas na Escola Municipal de Educação Infantil Menino Jesus da cidade de Brasília no Estado do Acre.
- Descrever a Educação Infantil de maneira inclusiva;
- Identificar o papel do professor no processo de inclusão desses alunos na Educação Infantil;

CAPITULO I- AUTISMO: CONCEITO, CAUSAS E SINTOMAS

Durante o ano de 1943, Leo Kanner chamou a atenção pela primeira vez para um grupo de crianças que apresentava isolamento social e alterações da fala. Para este conjunto de sintomas observados, Kanner nomeou de autismo.

Com o passar do tempo o autismo se fortaleceu como uma entidade diagnóstica e passou a ser estudado vários pesquisadores que se interessavam por esse distúrbio comportamental. Com o passar dos anos e com os estudos realizados, o conceito de autismo foi se ampliando, admitindo-se hoje que existem diferentes graus de autismo (KANNER, 1943).

Para Kanner (1943), era considerado autista, somente indivíduo com grave comprometimento no comportamento. Pouco divulgado na ocasião, o autismo, era algo novo, mas em 1979, o mesmo tornou-se relativamente conhecido, através do filme “meu filho, meu mundo”, que retratou essa temática, e despertou ainda mais interesse de estudiosos a cerca desse transtorno.

Desde a descrição original até o dia de hoje, o conceito de autismo sofreu grande modificação. Não se entende mais o autismo como uma doença específica e sim como um conjunto de sintomas e dificuldades que causam prejuízo qualitativo na interação social, dificuldade na comunicação verbal e repertório restrito de interesses e atividades. Muitos ainda não vêem o autismo como um transtorno, mas como uma loucura, o que na verdade é um engano, pois a criança com esse transtorno pode muito bem conviver com outras crianças, claro que com suas especificidades, que não é um fato impossível.

Para que alguém receba o diagnóstico de autismo é necessário que os sintomas tenham começado a se manifestar antes dos três anos de idade. Não é necessário que o comprometimento seja de igual intensidade para cada sujeito, isto é, para uma determinada criança pode haver um comprometimento mais intenso da comunicação do que da sociabilidade (Dráuzio Varella,2010).

Em termos científicos, autismo é considerado DiagnosticandStatistical Manual of Mental Disorder da Associação Americana de Psiquiatria, como um transtorno invasivo do desenvolvimento. Para tanto, esse tipo de transtorno, pressupõe a presença

de um desvio no desenvolvimento, e não somente um atraso como muitos acreditam (Dráuzio Varella 2010).

O termo autismo deve ser reservado para as situações nas quais existe um atraso na aquisição da fala, além da presença de sintomas que são comuns a uma pessoa com esse tipo transtorno.

Ainda segundo estudos do Dr. Dráuzio Varella 2010, Autismo é um transtorno global do desenvolvimento marcado por três características fundamentais:

- Inabilidade para interagir socialmente;
- Dificuldade no domínio da linguagem para comunicar-se ou lidar com jogos simbólicos;
- Padrão de comportamento restritivo e repetitivo.

O grau de comprometimento é de intensidade variável: vai desde quadros mais leves, como a síndrome de Asperger (na qual não há comprometimento da fala e da inteligência) até formas graves em que o paciente se mostra incapaz de manter qualquer tipo de contato interpessoal e é portador de comportamento agressivo e retardo mental.

De acordo com Dráuzio Varella 2010, o autismo era causado por fatores psicológicos sendo os pais os principais responsáveis pelo surgimento desse quadro clínico. Para tanto, isso ocorria devido os pais apresentarem um comportamento frio e obsessivo para com os filhos, e esse comportamento dos pais é que causava o autismo.

Com o passar do tempo, e com os estudos mais aprofundado sobre a temática, essa hipótese foi deixada de lado. Atualmente, o autismo é considerado como uma desordem neurobiológica. Apesar disto, é importante que fique claro que não existe exame complementar capaz de comprovar se a criança tem autismo ou não. No entanto, o diagnóstico de autismo se baseia somente em dados clínicos (história e observação do comportamento). Os exames complementares permitem apenas investigar a presença de doenças que estão comumente associadas com autismo, mas não afirmar o diagnóstico de autismo (DRÁUZIO VARELLA 2010).

O autismo acomete pessoas de todas as classes sociais e etnias, mais os meninos do que as meninas. Os sintomas podem aparecer nos primeiros meses de vida, mas dificilmente são identificados precocemente. O mais comum é os sinais ficarem

evidentes antes de a criança completar três anos. De acordo com o quadro clínico, eles podem ser divididos em 3 grupos:

- 1º ausência completa de qualquer contato interpessoal, incapacidade de aprender a falar, incidência de movimentos estereotipados e repetitivos, deficiência mental;
- 2º o portador é voltado para si mesmo, não estabelece contato visual com as pessoas nem com o ambiente; consegue falar, mas não usa a fala como ferramenta de comunicação (chega a repetir frases inteiras fora do contexto) e tem comprometimento da compreensão;
- 3º domínio da linguagem, inteligência normal ou até superior, menor dificuldade de interação social que permite aos portadores levar vida próxima do normal (DRÁUZIO VARELLA 2010, p 03).

Na adolescência e vida adulta, as manifestações do autismo dependem de como as pessoas conseguiram aprender as regras sociais e desenvolver comportamentos que favoreceram sua adaptação e autos suficiência.No entanto, Camargos Jr. (2005) afirma que:

As pessoas autistas podem ser tão diferentes uma das outras, tão heterogêneas em suas necessidades e competências, que cada caso exige uma adequação específica e muito concreta das estratégias e objetivos de tratamento. Os objetivos e procedimentos terapêuticos e educacionais são muito variáveis, dependendo do comprometimento da pessoa, nas suas diferentes dimensões. (p.128)

Deve-se notar que, as descrições dos sintomas em uma criança autista, referem-se a pontos selecionados dentro de um contínuo e que, na prática, são encontradas todas as formas intermediárias possíveis.

1.1 CONCEITO DE EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

O processo pelo qual uma pessoa é estimulada a desenvolver suas capacidades cognitivas e físicas para poder se integrar de fato na sociedade pode ser chamado de educação. A educação vai se formando através de situações presenciadas e experiências vividas por cada sujeito ao longo da sua vida.

Segundo Piaget (1998):

Educar seria estimular a estruturação de formas de ação (motora, verbal e mental) cada vez mais moveis, mais amplas e mais estáveis, com a finalidade de extensão progressiva do organismo, a meta da educação é a “abertura” para todos os possíveis, isto é, a construção de um homem cujo comportamento é probabilístico (p. 45).

O caráter institucional da educação se manifesta na sua forma mais concreta que é a escola. É preciso, portanto, que se considere a educação como parte integrante das culturas dos seres humanos, e a educação como um dos mecanismos de transmissão dessas culturas.

De uma forma geral, a educação desempenha papel importante, como meio mais eficiente pelo qual uma sociedade pode melhorar a qualidade do fator humano no processo do desenvolvimento econômico e de modernização social. A verdadeira educação não pode ser compreendida como simples adaptação. Representa uma ação humana consciente, voluntária e intelectual, que deve, necessariamente, envolver agentes qualificados que se encarreguem de sua realização (artigos web).

Referindo-se ao termo inclusão, Sassaki (1997, p. 41) afirma que é um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir em seus sistemas sociais gerais pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade.

Quando falamos de Educação Especial precisamos compreender que a mesma ocupa-se do atendimento de educando com deficiências no campo da aprendizagem e transtornos globais de desenvolvimento em instituições especializadas, tais como escolas para surdos, escolas para cegos ou escolas para atender pessoas com deficiência intelectual.

A Secretaria de Educação Especial do MEC (SEESP), por meio do documento Política Nacional de Educação Especial que orienta oficialmente os serviços públicos nesta área, considera a Educação Especial como sendo:

[...] um processo que visa a promover o desenvolvimento das potencialidades de pessoas portadoras de deficiências, condutas típicas ou altas habilidades, e que abrange os diferentes níveis e graus do sistema de ensino. Fundamenta-se em referenciais teóricos e práticos compatíveis com as necessidades específicas de seu alunado. O processo deve ser integral, fluindo desde a estimulação essencial até os graus superiores de ensino. Sob esse enfoque sistêmico, a educação especial integra o sistema educacional vigente, identificando-se com sua finalidade, que é a de formar cidadãos conscientes e participativos (BRASIL, MEC/SEESP, 1994, p.17).

Entretanto, quando se fala em Educação Inclusiva, devemos entender que a mesma é um processo em que se amplia à inclusão de todos os estudantes com necessidades educativas especiais em escolas de ensino regular. Refere-se à

reestruturação da cultura, da prática e das políticas vivenciadas nas escolas de modo que estas respondam à diversidade de alunos.

Para tanto, a Educação inclusiva é o processo que ocorre em escolas de qualquer nível preparadas para propiciar um ensino de qualidade a todos os alunos independentemente de seus atributos pessoais, inteligências, estilos de aprendizagem e necessidades comuns ou especiais. A inclusão escolar é uma forma de inserção em que a escola comum tradicional é modificada para ser capaz de acolher qualquer aluno incondicionalmente e de propiciar-lhe uma educação de qualidade. Na inclusão, as pessoas com deficiência estudam na escola que frequentariam se não fossem deficientes. (SASSAKI, 1998, p. 8).

Na realidade incluir é trocar, entender, respeitar, valorizar, lutar contra exclusão, transpor barreiras que a sociedade criou para as pessoas. É oferecer o desenvolvimento da autonomia, por meio da colaboração de pensamentos e formulação de juízo de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida.

Tendo em vista o conceito desses dois termos inclusão e educação uma escola só pode ser considerada verdadeiramente inclusiva quando está conseguindo proporcionar uma educação para todos, não fazendo distinção entre as crianças que a frequentam, não selecionando nem diferenciando com base em julgamentos precipitados.

1.2 UM OLHAR SOBRE A INCLUSÃO

O maior desafio educacional nas escolas hoje é trabalhar voltada para a diversidade, com isso buscando construir um novo conceito no processo de ensino-aprendizado de maneira que todos sejam de fato incluídos nesse processo e todos que dele são por direito sujeitos como defende a Declaração de Salamanca, sendo um dos exemplos para se tomar como base as transformações que se fazem necessárias para que a inclusão de fato aconteça.

No entanto, a Declaração de Salamanca propaga formalmente a inclusão de todos os alunos no ensino regular, fazendo-se necessária uma grande mudança nos planos pedagógicos e na estrutura de um todo do espaço escolar e dispor de ferramentas para promover o sucesso de aprendizagem de todos.

Garantir uma educação de qualidade a todos, implica entre outros fatores, um redimensionamento da escola no que consiste não somente na aceitação, mas também na valorização das diferenças. Essa valorização efetiva-se pelo resgate dos valores culturais, os que fortalecem a identidade individual e coletiva, bem como pelo respeito ao ato de aprender e de construir.

Para tanto, temos que refletir sobre essa falsa ideia de inclusão presente nas escolas regulares, ou na maioria delas. Pois sabemos que ainda prevalece uma inclusão excludente que apenas acolhe o aluno na sala, não lhe permitindo interagir com suas necessidades, e não dando o suporte adequado para o desenvolvimento do mesmo.

A educação inclusiva oferece um novo modelo onde à escola se adapta às particularidades de cada aluno, buscando não só a sua permanência na escola, como também o seu máximo desenvolvimento. Melhor dizendo, para o modelo de educação inclusiva uma escola deve se preparar para enfrentar o desafio, buscando e oferecendo uma educação com qualidade para todos os seus alunos, na tentativa de construir um novo conceito do processo ensino-aprendizagem, eliminando definitivamente o seu caráter segregacionista, o que passa a ser bem diferente do modelo de educação tradicional, na qual os alunos é quem precisam adaptar-se à escola.

Sassaki (1999), fala da “inclusão social” como um novo paradigma, o caminho ideal para se construir uma sociedade para todos e que por ele lutam para que possamos juntos na diversidade humana cumprir nossos deveres de cidadania e nos beneficiar dos direitos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e de desenvolvimento.

Entretanto, sabe-se travar uma luta pela retirada do estigma que está enraizado pela história da sociedade é o grande alvo da inclusão.

1.3 O ALUNO COM AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), o autismo e seus transtornos, são vistos como deficiências e representam uma disfunção global do desenvolvimento, Se não há cura descoberta, há uma melhora significativa no tratamento e a educação é mais uma ferramenta utilizada para nesse tratamento.

A partir da constituição de 1988, a educação passou a ser um direito de todos, e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) por meio dos artigos 29 e 30 a Educação

Infantil (primeira etapa da educação básica) é oferecida em creches e em pré-escolas para alunos com diagnósticos de autismo ou demais transtornos.

Conforme cita a Lei 12.764 de 27 de dezembro de 2012 (inciso IV do art.2º) para casos de diagnóstico comprovado, o aluno terá direito a acompanhante especializado, não sendo submetido a tratamentos considerados desumanos ou degradantes e não estando privado nem de sua liberdade e nem do convívio familiar (Art.4º). Nas escolas, o gestor ou autoridade que se recusar a oficializar a matrícula de um aluno com transtorno ou qualquer outro tipo de deficiência será punido com multa de três a vinte salários mínimos (Art. 4º)

Para a criança com diagnóstico comprovado de autismo, o seu ingresso na escola tradicional não é tarefa fácil, devido as especificidades que apresenta (dificuldades na comunicação, na interação social e problemas no desenvolvimento de forma geral). No entanto, devemos compreender que para a escola também não é, onde além de buscar as regularizações necessárias ao cumprimento do direito da criança diante das necessidades jurídicas e das necessidades em termos de formação profissional, há a questão da convivência com os colegas que precisa ser trabalhada de forma esclarecedora, para que episódios de exclusão possam ser evitados. Não podemos deixar de falar ainda, da falta de conhecimento sobre tal tematica por parte dos profissionais.

Como sabemos, falar de Transtorno do Espectro Autista (TEA) é algo novo, e na educação assustador. É necessário ter conhecimento acerca de cada nível desse transtorno, pois cada aluno tem suas especificidades, e é necessário conhecer para se poder desenvolver um trabalho eficaz e inclusivo.

Precisamos compreender que educadores das escolas que recebem alunos com tais dificuldades precisam ter suas práticas profissionais adequadas e preparadas para atuar de forma significativa. É comum atualmente as escolas buscarem professores que já tenham experiência no assunto, pois como já citado nesse estudo, o que é novo assusta, e essa clientela além de nova nas escola, tem sido cada vez maior, pois segundo pesquisas, hoje para cada 68 crianças nascidas, 01 nasce com esse transtorno. (veja.abril.com.br/saude/uma-em-cada-68-criancas-tem-autismo)

Na Educação Infantil, o autismo exige do profissional uma atuação baseada na compreensão do que precisa e pode ser trabalhado em sala, a observação do comportamento e a criatividade para propor atividades que integrem as crianças, reforce

atitudes positivas e possibilitem o desenvolvimento.

Por meio do incentivo ao brincar em suas variadas formas, a Educação Infantil possibilita não só o desenvolvimento social, como também o físico, motor e o cognitivo de maneira global, ou seja, cria condições mesmo sem ter (ou ser) o objetivo, para que as crianças alcancem com maiores habilidades o que for estabelecido no trabalho, auxiliando no processo de escolarização dela.

Tanto os pais quanto os professores possuem papel fundamental no desenvolvimento de uma criança com autismo. Considerá-la com criança que está em processo de descoberta, entender que suas percepções podem parecer desorganizadas, além de sua audição que pode ser hipersensível e seu olfato aguçado, é preciso também entender e distinguir o "não quero" de "não consigo". É importante também lembrar que a criança com tal diagnóstico pensa "concretamente", interpretando literalmente o que for dito e por isso, é necessário evitar trocadilhos, gírias, palavras ou expressões de duplo sentido, metáforas, alusões ou sarcasmo.

A linguagem corporal da criança também é uma fonte de informação, uma vez que seu vocabulário pode parecer limitado e por isso sua agitação, ou isolamento podem demonstrar que algo está errado ou o incomodando. As orientações visuais também podem funcionar, sempre respeitando os limites, considerando que "o que eu posso fazer é mais do que aquilo que não posso" (NOTBOHM, 2005; 2016).

A autora também chama a atenção para o auxílio necessário e fundamental nas interações sociais "Se você encorajar as outras crianças a me convidar para brincar de chutar bola, ou basquete, pode ser que eu fique muito feliz em estar incluído". Estruturar e definir o começo e o fim das atividades e brincadeiras pode contribuir para a participação da criança, uma vez que expressões faciais, emoções e linguagem corporal são em sua maioria, mais complicadas para a criança entender (NOTBOHM, 2005; 2016).

CAPITULO II- AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O autismo e seus transtornos são vistos como deficiências e representam uma disfunção global do desenvolvimento, de acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008). Se não há cura descoberta, há uma melhora significativa no tratamento e a educação pode ser o mais efetivo deles.

Foi após a Constituição de 1988 que a educação passou a ser considerado um direito para todos e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB por meio dos artigos 29 e 30 a Educação Infantil (primeira etapa da educação básica) é oferecida em creches e em pré-escolas para alunos com diagnósticos de autismo ou demais transtornos.

De acordo com a Lei 12.764 de 27 de dezembro de 2012 (inciso IV do art.2º) para casos de diagnóstico comprovado, o aluno terá direito a acompanhante especializado, não sendo submetido a tratamentos considerados desumanos ou degradantes e não estando privado nem de sua liberdade e nem do convívio familiar (Art.4º). Nas escolas, o gestor ou autoridade que se recusar a oficializar a matrícula de um aluno com transtorno ou qualquer outro tipo de deficiência será punido com multa de três a vinte salários mínimos (Art. 4º)

Para a criança com diagnóstico comprovado de autismo ou outros transtornos do desenvolvimento, ingressar na escola tradicional não é tarefa fácil, devido as especificidades que apresenta (dificuldades na comunicação, na interação social e problemas no desenvolvimento de forma geral). Para a escola também não é, além de buscar as regularizações necessárias ao cumprimento do direito da criança diante das necessidades jurídicas e das necessidades em termos de formação profissional, há a questão da convivência com os colegas que precisa ser trabalhada de forma esclarecedora, para que episódios de exclusão possam ser evitados.

Para que a escola possa ser considerada inclusiva de fato, é preciso que receba e acolha o aluno independente de suas condições de qualquer ordem que sejam tendo como objetivo básico desenvolver uma pedagogia que seja capaz de educar e incluir todos aqueles que apresentem dificuldades, sejam elas educacionais, temporárias ou permanentes, conforme afirma Mantoan (2008).

Os professores das escolas infantis que recebem alunos com tais dificuldades precisam ter suas práticas profissionais adequadas e preparadas para atuar de forma significativa, algumas escolas até preferem professores que já tenham experiência no assunto.

Na Educação Infantil, o autismo exige do profissional uma atuação baseada na compreensão do que precisa e pode ser trabalhado em sala, a observação do comportamento (tanto da criança com autismo, quanto das outras crianças ao se relacionarem com ele) e a criatividade para propor atividades que integrem as crianças, reforce atitudes positivas e possibilitem o desenvolvimento.

Por meio do incentivo ao brincar em suas variadas formas, a Educação Infantil possibilita não só o desenvolvimento social, como também o físico, motor e o cognitivo de maneira global, ou seja, cria condições mesmo sem ter (ou ser) o objetivo, para que as crianças alcancem com maiores habilidades o que for estabelecido no trabalho, auxiliando no processo de escolarização dela.

No entanto, sabemos que os pais e os professores possuem papel fundamental no desenvolvimento de uma criança com autismo. Também se faz necessário se chamar a atenção para o auxílio necessário e fundamental nas interações sociais "Se você encorajar as outras crianças a me convidar para brincar de chutar bola, ou basquete, pode ser que eu fique muito feliz em estar incluído". Estruturar e definir o começo e o fim das atividades e brincadeiras pode contribuir para a participação da criança, uma vez que expressões faciais, emoções e linguagem corporal são em sua maioria, mais complicadas para a criança entender (NOTBOHM, 2005; 2016).

De acordo com a nova versão da Lei de Diretrizes da Educação Nacional (BRASIL, 1996), a Educação Infantil, sendo a primeira etapa da educação básica deve ser oferecida em creches e pré-escolas às crianças de zero a cinco anos, com o objetivo de atingir o seu desenvolvimento global (aspectos físico, psicológico, social e intelectual), complementando a ação da família e comunidade (Lei 12796/13a)

E sobre a concepção de desenvolvimento infantil:

[...] o desenvolvimento infantil contém um processo padrão, pelo qual passam todas as crianças, numa sequência continua e uniforme de etapas, estágios ou subfases, impermeadas por rupturas ou saltos. Pode ser marcada por faixas etárias, cada uma delas tipificadas por características físicas, sociais, afetivas e mentais – do menos para o mais, ou do “nada” ao nascimento para a “plenitude” na vida adulta. Na visão da pós-modernidade, o desenvolvimento infantil é contextualizado no tempo e no espaço, inter-relacionado com a cultura, o ambiente social, o gênero, as condições socioeconômicas. Assim como há crianças e infâncias, há

desenvolvimentos infantis. Estes são de crianças que vivem cada momento e etapa de sua vida como sujeitos únicos, capazes de estabelecer relações produtoras de sentido, de construir conhecimentos pela experiência e contribuir com outras crianças e com adultos na visão do mundo do qual fazem parte. (BRASIL, 2013, p.43).

As concepções adotadas pelo Brasil sobre a criança e seu desenvolvimento, bem como os recursos utilizados e disponibilizados para as crianças tinham como desejo que elas contextualizassem e expressassem através da brincadeira, situações de interação. Neste momento a criança com Transtornos do Espectro Autista através do brincar, também poderia compreender o que acontecia. Foi observado após a experiência, que as crianças da educação infantil envolvida no estudo melhoraram a capacidade de acolhimento, a qualidade de socialização e a professora mostraram-se mais flexível em suas práticas frente à inclusão.

O professor da educação infantil tem como responsabilidade ou função, de acordo com a lei citada, possibilitar uma formação humana e cultural com o acesso ao saber sistematizado, desenvolvendo ações que promovam a geração de novos conhecimentos e desenvolvimento das competências e habilidades que já adquiriu. Promover processos de socialização e de aprendizagem de crianças.

O maior objetivo que se espera atingir na Educação Infantil, de acordo as leis vigentes, é o de promover o desenvolvimento integral das crianças de zero a cinco anos de idade garantindo a cada uma delas o acesso a processos de construção de conhecimentos e a aprendizagem de diferentes linguagens. Assim como o direito à proteção, saúde, liberdade, ao respeito, dignidade, brincadeira, convivência e interação com outras crianças (BRASIL, 2013b, p. 85^a).

Estudiosos comprovam que a maior estimulação para a criança com Transtornos do Espectro Autista, está dentro do currículo da Educação infantil que muitos ainda não têm acesso.

Mattos e Nuernberg (2011) realizaram uma experiência de intervenção Psicoeducacional no contexto escolar com crianças da educação infantil. O objetivo principal era promover o desenvolvimento e interação social de uma criança com Transtornos e Espectro Autista (TEA).

Os momentos de intervenção no contexto da educação infantil tinham como foco a superação e transposição das barreiras vivenciadas da criança com Transtornos do Espectro Autista e sua turma. As barreiras levadas em conta eram principalmente

as atitudinais e as de comunicação, promovendo os meios de interação e comunicação com o uso do recurso da comunicação alternativa.

A mediação pedagógica na inclusão de criança com Transtornos do Espectro Autista, na Educação Infantil, foi analisada também por Chiote (2011), onde a enfatiza como processo de significação e constituição de experiências como o brincar e na socialização entre os pares promovendo seu desenvolvimento.

Contudo, Correia (2012) observou a criança na Educação infantil, com Transtornos do Espectro Autista, e chegou à conclusão de que são necessárias práticas pedagógicas planejadas previamente considerando não apenas a deficiência e sim a criança de forma geral.

Enfim, Correia (2012) e Chiote (2011), nas suas experiências de pesquisas, notaram grandes avanços no desenvolvimento de crianças com Transtornos do Espectro Autista, incluídas na Educação Infantil. Esses avanços são notados principalmente nos ambientes em que há mediação e agrupamentos com estratégias definidas e intervenção pontual do professor, além de planejamento pedagógico diversificado.

Carneiro (2012) afirma que:

Não sabemos ser inclusivos. Isso decorre das experiências culturais e sociais as quais fomos submetidas. Há menos de duas décadas, cursos de formação de professores sequer referiam a existência das diferenças educacionais advindas das deficiências, o que resultou em uma formação e, consequente prática, desvinculada de tal realidade. A formação inicial e continuada dos professores da educação infantil com vistas à superação de tal modelo é imprescindível (CARNEIRO, 2012, p. 88).

O autor citado reforça é na formação de professores, que estão os instrumentos para que faça um levantamento das especificidades da criança e consiga planejar aulas que tenham as adequações e ajustes necessários para promover a aprendizagem da turma toda.

Segundo Nota Técnica nº 24 (BRASIL, 2013c, p. 2), a formação dos profissionais da educação que deverá possibilitar “[...] a construção de conhecimento para práticas educacionais que propiciem o desenvolvimento sócio cognitivo dos estudantes com transtorno do espectro autista.”, ainda de acordo com a nota, (BRASIL, 2013b, p. 2-3), a formação do professor deve proporcionar conhecimento, buscando:

- Superação do foco de trabalho nas estereotipias e reações negativas do estudante no contexto escolar, para possibilitar a construção de processos de significação da experiência escolar;

- Mediação pedagógica nos processos de aquisição de competências, por meio da antecipação da organização das atividades de recreação, alimentação e outras, inerentes ao cotidiano escolar;
- Organização de todas as atividades escolares de forma compartilhada com os demais estudantes, evitando o estabelecimento de rituais inadequados, tais como: horário reduzido, alimentação em horário diferenciado, aula em espaços separados;
- Reconhecimento da escola como um espaço de aprendizagem que proporciona a conquista da autonomia e estimula o desenvolvimento das relações sociais e de novas competências, mediante as situações desafiadoras;
- Adoção de parâmetros individualizados e flexíveis de avaliação pedagógica, valorizando os pequenos progressos de cada estudante, em relação a si mesmo, e ao grupo em que esta inserida;
- Interlocução permanente com a família, favorecendo a compreensão dos avanços e desafios enfrentados no processo de escolarização, bem como dos fatores extra escolares que possam interferir nesse processo;
- Intervenção pedagógica para o desenvolvimento das relações sociais e o estímulo a comunicação, oportunizando novas experiências ambientais, sensoriais, cognitivas, afetivas e emocionais;
- Identificação das competências de comunicação e linguagem desenvolvidas pelo estudante, vislumbrando estratégias visuais de comunicação, no âmbito da educação escolar, que favoreçam seu uso funcional no cotidiano escolar e demais ambientes sociais;
- Interlocução com a área clínica quando o estudante estiver submetido a tratamento terapêutico, e se fizer necessária, a troca de informações sobre seu desenvolvimento;
- Flexibilização mediante as diferenças de desenvolvimento emocional, social e intelectual dos estudantes com transtorno do espectro autista, possibilitando experiências diversificadas no aprendizado e na vivência entre os pares;
- Acompanhamento das respostas do estudante frente ao fazer pedagógico da escola, para a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de competências, considerando a multiplicidade de dimensões que envolvem a alfabetização, a resolução das tarefas e as relações interpessoais, ao longo da escolarização;

- Aquisição de conhecimentos teórico-metodológicos da área da Tecnologia Assistiva, voltada a Comunicação Alternativo-Aumentativa para estes sujeitos.

- Planejamento e organização do atendimento educacional especializado, considerando as características individuais de cada estudante que apresenta transtornos do espectro autista, com a elaboração do plano de atendimento objetivando a eliminação de barreiras que dificultam ou impedem a interação social e a comunicação.

O que devemos compreender, portanto, é que o professor deve adquirir conhecimento que leve com que a criança com Transtorno do Espectro Autista, desenvolva-se na sua escolarização.

Diante deste estudo é possível perceber que a Educação Infantil, é um campo ainda pouco explorado pelos estudiosos e existe uma grande relação deste nível de ensino com o desenvolvimento das relações de sociabilidade entre escola, crianças e famílias. Um ambiente promissor para repensar as mudanças de concepções de gestores, comunidades, professores e família.

É um grande e novo desafio a se alcançar, desmistificar concepções equivocadas de profissionais e familiares que se relacionam com a criança com transtornos do Espectro Autista.

Os conhecimentos de professores e gestores acerca das características peculiares da criança com Transtornos do Espectro Autista inserida na educação infantil.

As crianças com Transtornos do Espectro Autista devem iniciar sua escolarização o mais precocemente possível na Educação Infantil. Para que essa inserção seja possível, e as barreiras existentes sejam minimizadas, são necessários suportes materiais adaptados, humanos e arquitetônicos para que professores consigam enfrentar o grande desafio da inclusão.

Essas crianças as chamadas por alguns de agressivas, diferentes e estranhas tem o direito em estar na escola no tempo certo, e a escola deve se preparar para recebê-la desde a educação infantil.

Seu percurso será construído no dia a dia, passo a passo, tempo a tempo, e esse caminhar só é possível graças as Políticas Públicas Educacionais de Inclusão, que avançam notoriamente nos últimos anos.

Os estudos e pesquisas na área do transtorno do espectro autista continuam em andamento, na busca da melhoria na eficácia das ações dos profissionais, terapeutas e

professores com este público-alvo. Não esquecendo que a meta a ser alcançada é que a criança adquira novas habilidades e se desenvolva plenamente no processo de ensino e aprendizagem.

2.1 O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)

Devido aos prejuízos causados na comunicação e que acabam por interferir na integração com outras crianças, além do comportamento algumas vezes inadequado, é preciso que o professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE) contribua orientando os profissionais da escola, auxiliando na elaboração das estratégias e planejamentos na escola. Além disso, ele deve atuar na elaboração de recursos e na organização da rotina, de acordo com as necessidades visualizadas para cada aluno diagnosticado com o transtorno.

O Atendimento Educacional Especializado - AEE é destinado ao atendimento de crianças com necessidades especiais, sejam elas deficiências, transtornos do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação, sendo oferecido em espaços como a sala de recursos multifuncionais ou nos próprios centros de atendimento especializado.

É um serviço que segue a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), que objetiva assegurar a inclusão escolar para crianças com necessidades especiais, orientando os sistemas de ensino para buscar a garantia de acesso ao ensino até o ensino superior. Além disso, é um serviço que identifica, organiza e elabora recursos pedagógicos e de acessibilidade visando à eliminação de barreiras que possam impedir a participação e o desenvolvimento de alunos nas condições já citadas anteriormente.

O AEE disponibiliza não só o ensino das linguagens e códigos de comunicação e sinalização como também oferece a tecnologia assistiva - TA, adequando materiais didáticos e pedagógicos considerando as necessidades de cada aluno.

Na Educação Infantil, ele se mostra por meio de serviços de intervenção precoce que objetivam a otimização do processo de desenvolvimento e aprendizagem, relacionados aos serviços de saúde e assistência social, devendo estar presente no Projeto Político-Pedagógico - PPP da escola que deve refletir a pluralidade das ações, ou seja, considerar que todos são capazes de aprender, mesmo em ritmos e estilos diferentes.

Segundo (ORRÚ, 2009), é por meio da compreensão do desenvolvimento das atividades e por meio da linguagem que a criança vai agir, deixando atos mecânicos de memorização e organizando seu aprendizado. Dessa forma, a sala de recursos multifuncionais precisa ser organizada para a realização do AEE no ambiente escolar.

Segundo a legislação, é atribuição do AEE identificar as necessidades específicas de cada criança e elaborar um plano de ação eficiente. Mas, para que essa execução aconteça de forma plena, é preciso contar com a colaboração e participação da equipe escolar e da família a fim de observar o desenvolvimento da criança. Tais ações estão previstas na legislação, bem como a formação do professor do AEE, regulamentada de acordo com o decreto N.6571/2008, que dispõe sobre o atendimento e as condições de acesso da criança no ensino comum, que caracteriza uma ação educativa voltada à promoção da acessibilidade, conforme estabelece a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

As atividades desenvolvidas no AEE se diferem das atividades realizadas em sala de aula comum e não substituem a escolarização, ou seja, o atendimento complementa e ou suplementa a formação dos alunos visando a autonomia e independência dentro e fora da escola (BRASIL, 2008)

A criança diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista tem assegurada por Lei, seu direito à educação no ensino regular, no entanto, a qualidade do profissional e das instituições tem sido fator de grande preocupação, uma vez que, para que de fato essa inclusão aconteça, o professor precisa inserir nos processos educativos, os apoios necessários (sejam eles recursos humanos ou materiais), além de proporcionar a essa criança o convívio mais adequado possível, de acordo com os parâmetros legais.

CAPÍTULO III- PROCEDIMENTO METODOLOGICO

METODOLOGIA DA PESQUISA

TIPO DE PESQUISA

A pesquisa realizada foi do tipo descritiva, de cunho quanti-qualitativa. Rauén (1999, pag. 29) afirma que “a pesquisa descritiva objetiva conhecer e interpretar a realidade sem nela interferir para modificá-la, estando interessada em descobrir, observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los”.

Já de acordo com Mynayo (1998), “os métodos qualitativo e quantitativo não se excluem, mas, ao contrário, em muitos casos se complementam para melhor evidenciar os aspectos do estudo.”

CENÁRIO E SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa se deu na escola Municipal de Educação Infantil Menino Jesus, localizada na cidade de Brasília-Acre.

Para a realização da mesma, foi necessário o envolvimento de toda a comunidade escolar desde o diretor até os alunos ali atendidos. A Escola Municipal de Educação Infantil Menino Jesus está localizada na Rua João Jovino nº 300, Bairro Eldorado tem a missão de garantir o acesso e permanência dos alunos na escola, oferecendo uma educação de qualidade, para que os mesmos possam ter no futuro uma atuação crítica e participativa perante a comunidade.

Segundo a LDB 9394/96 é dever do Estado e da família garantir o acesso a escolaridade de todas as modalidades da educação infantil e conforme o P.P.P da escola Menino Jesus acredito que as regras vem sendo cumpridas.

Através da análise da Proposta Política Pedagógica, percebe-se que há clareza e coerência de conceitos entre diagnóstico, objetivos e ações, e que também vejo que existe viabilidade na execução da proposta. A escola atende atualmente 307 alunos sendo que seis turmas funcionam no turno matutino e outras seis no turno vespertino, somando um total de 40 horas semanais. Existem três modalidades de ensino (maternal/ 1º período/ 2º período).

A instituição tem procurado inserir de maneira eficaz os alunos com autismo, os mesmos são inseridos em sala de aula regular, onde mediante a apresentação do laudo têm direito a um mediador para auxiliá-lo nas atividades realizadas em sala de aula, assim como são atendidos em sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) no contra turno, por uma professora com especialização em psicopedagogia.

A escola atende atualmente, uma clientela de três alunos com Transtorno do Espectro Autista, onde de acordo com os laudo apresentado na instituição, cada criança apresenta um nível diferenciado, tendo a escola e os profissionais que atenderem as necessidades de cada nível das crianças inseridas.

Para tanto, o estudo aqui apresentado, terá como sujeito da pesquisa a diretora da escola, coordenadora pedagógica, professora da sala de AEE, professores regentes, mediadores e alunos matriculados.

INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Nesta pesquisa fora escolhida como instrumento para coleta de dados a observação, onde de acordo com Marconi & Lakatos, “...utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Consiste de ver, ouvir e examinar fatos ou fenômenos” (1999:90).

Ainda como instrumento de pesquisa, para um melhor entendimento do estudo proposto, será realizado uma entrevista, onde para Marconi & Lakatos, “a entrevista se dar pelo encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto” (1999, p. 94).

PRODECIMENTOS DA COLETA DE DADOS

A observação é o instrumento básico de coleta de dados em todas as ciências, sendo importante para a construção de qualquer conhecimento.

A observação pode ser realizada na vida real, no próprio local onde o evento ocorre, em um ambiente normal e cotidiano, registrando-se os dados à medida que forem ocorrendo, ou em laboratório, que requer condições especiais, geralmente exige organização cuidadosa e controlada, o uso de equipamentos adequados possibilita observações mais rigorosas.

No entanto, as entrevistas é uma das técnicas de coleta de dados mais usada no âmbito das ciências sociais como, por exemplo, os psicólogos, sociólogos, pedagogos

entre outros. Alguns autores citam a entrevista como o método fundamental de investigação.

O tipo de entrevista a qual se optou foi a Não Estruturada, pois o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção. Permite explorar mais amplamente uma questão.

Os profissionais que responderam o questionário possuem vasta experiência na educação. O questionário foi aplicado na escola, após um dia de observação. Os profissionais tiveram a oportunidade de responder às mesmas questões, após um momento de diálogo, no qual expuseram anseios a respeito da prática diária direcionadas ao aluno com Transtorno Espectro Autista.

Para os profissionais que atuam na escola supracitada, existem várias lacunas formativas no nível da formação inicial de professores sobre a temática aqui abordada.

Quando falamos numa definição de Autismo, todos os profissionais da escola colocam que: conhecem pelo pouco que buscaram conhecer, para que pudessem de fato incluir os alunos que ali atendiam, definindo-o como um transtorno que dificulta a socialização.

De acordo com isso, Cool (1995, pág.: 17) afirma que:

O ambiente não deve ser complexo demais a fim de facilitar sua aprendizagem e compreensão. Além disso, o professor deve manter uma postura de educador facilitador frente aos autistas e por esse motivo a necessidade de se ter uma formação mais completa, abrangendo os alunos especiais.

Sabemos que a educação especial é tarefa árdua, precisa está muito bem constituída por toda uma equipe que oriente o trabalho do professor a fim de que esse possa ser consolidado da melhor maneira possível.

Para os profissionais entrevistados, foi possível identificar a partir de conhecimentos por eles buscado, alunos com características autistas, onde segundo eles também é algo novo, e de poucos estudos, mas que a escola ainda fica constrangida em falar dessa temática com a família, pois sabemos que a família é a primeira a não aceitar, mas sabemos também que é a partir da aceitação que podemos construir um processo de ensino aprendizagem para o aluno.

É evidente de quando os pais recebem a notícia de que seu filho é portador do autismo, um profundo sentimento de luto é vivenciado pela perda da criança saudável que esperavam.

Segundo Krynski (1969) apresentam sentimentos de desvalia por terem sido escolhidos para viver essa experiência dolorosa. Após um período conturbado na descoberta do filho autista, vem a aceitação e uma maior tranquilidade. É nesse momento que se deve recorrer a terapia a fim de conseguir um suporte para lidar com tantas emoções. Pais de autistas observam alterações no comportamento de seus filhos desde cedo, que nenhum profissional enxergaria em pouco tempo de contado.

Ainda compreendendo como a escola lida com essa descoberta, busquei entender quais as características mais marcantes em um aluno autista. Para tanto, as características mais citadas foram às estereotipias, sensibilidade ao barulho, a não socialização por parte da criança, etc.

Segundo os corpo de funcionários da escola pesquisada, a experiência de trabalhar com esses alunos e sempre de aprendizado, afinal, para se trabalhar com essa clientela é necessário conhecer, e atualmente formações somente se o educador estiver buscando, o que dificulta o trabalho na escola. A inclusão existe, no entanto, nós educadores estamos buscando conhecer para pode incluir.

A preparação dos profissionais para o trabalho com os alunos portadores de autismo é de suma importância, pois o educador é um dos agentes responsáveis não somente por transmitir conteúdos pedagógicos como também transmitir valores e normas sócias que possam inserir a criança na esfera simbólica do discurso social. Sendo assim, o trabalho com os educadores deverá englobar, de forma permanente, programas de capacitação, supervisão e avaliação. (Sant' Ana, 2005).

A escola deve ser sempre uma fonte rica para o desenvolvimento da valorização e diminuição da rejeição, pois através dela diminuiremos o preconceito e conseqüentemente a rejeição e a estigmatização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre autismo é uma tarefa difícil, pois muito ainda precisa ser descoberto a respeito desse transtorno principalmente em relação a sua etiologia.

O professor atualmente necessita estar capacitado para atender essa clientela com qualidade, inserindo-o de fato no ambiente escolar, sendo que o mais importante nessa proposta de inclusão é que ela precisa necessariamente ser realizada dentro de escolas regulares.

É necessário considerar a função social da escola oportunizando cada vez mais vivências pedagógicas que incrementem a inclusão. Uma escola inclusiva implica em oferecer igualdade de oportunidades não só para aprender como também para a participação na vida social e para isso o currículo deve ser apropriado segundo as necessidades de cada um. Vale ressaltar que na inclusão não é a criança que se adapta a escola, mas sim a escola que para recebê-la deve se transformar.

Qualificar uma escola a fim de que atenda os preceitos da inclusão necessariamente, implica em medidas de reestruturação de práticas usuais e excludentes. O resultado dessa pesquisa nos mostra que a grande realidade vivida hoje no sistema educacional: O despreparo para lidar com alunos autistas, bem como educá-los e ensiná-los. Tal despreparo é causado pela insuficiente formação profissional nas áreas especiais e pela falta de informações que se tem atualmente sobre o autismo e suas manifestações.

O que se observa nos questionamentos dos professores é que realmente eles não sabem como intervir na educação e na vida dos autistas. Alguns professores buscam por si mesmo um conhecimento para trabalhar com esses alunos. No entanto, percebemos que os professores obtêm um conhecimento muito superficial sobre as características dos alunos autistas e só conhecem aquelas principais como, por exemplo, a dificuldade de interação social, o “isolamento” social, as dificuldades de aprendizagem, na fala e no contato visual.

De um modo geral vimos que o grau de instrução e informações desses professores não é suficiente para trabalhar de forma funcional adequada e significativa com autistas. Os autistas necessitam de uma estrutura eficiente, de métodos específicos de ensino, de ambientes especiais, de preparação prévia, e de uma abordagem abrangente para terem o mínimo desenvolvimento no processo de aprendizagem.

Diante do exposto, acredita-se que esse estudo possa somar com outros estudos desenvolvidos a cerca do autismo e suas manifestações, uma vez que resume de maneira objetiva as principais características desse distúrbio, buscando resgatar a importância da educação das crianças autistas na Educação Infantil.

Pode-se até dizer que existem tentativas de desenvolver o processo de inclusão desses alunos, porém talvez a forma como esta introdução esteja sendo realizada não apresenta ainda resultados efetivos. A verdade é que muito se fala em incluir, porém o aluno autista tem sido esquecido.

Sabemos que há falta de incentivo por parte das autoridades em relação à formação de profissionais capacitados e habilitados para atuarem com esse alunado e como consequência, vemos a deficiência existente na vida de autistas e de seus familiares que se veem presos a essa realidade.

Por fim, finalizo esse trabalho com a esperança de ver futuros estudos a cerca do autismo, e professores executando trabalhos efetivos com esse grupo de crianças amparados por cursos e profissionais experientes e capacitados, trazendo sentido e nova realidade a vida todos autistas.

REFERENCIA

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição [da] Republica Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente: Lei Federal Nº 8.069 de julho de 1990 & Legislação Congênere**. 10ª edição, Vitória 2010.

CAMARGOS Jr., Walter et al. **Transtornos invasivos do desenvolvimento: Milênio**. Brasília: CORDE, 2005. 260 p. Disponível em <www.fcee.sc.gov.br/>.

Correia, L.M (1997). Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares. Porto: Porto Editora.

Correia, M.L. e Serrano, A.M. (2000). Envolvimento parental em intervenção precoce. Das práticas centradas na criança às práticas centradas na família. Porto: Porto Editora

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Espanha, 1994

<http://drauziovarella.com.br/crianca-2/autismo/>

GOMES, M. A.; BALBINO, E.S.; SILVA, M. K. Inclusão escolar: um estudo sobre a aprendizagem da criança com autismo. In: VII COLÓQUIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE”, 4. 2014, São Cristovão.

KANNER, L. (1997/1943) **Os distúrbios autísticos do contato afetivo**. In Rocha, P.S.(org.) Autismos. S. Paulo: Editora Escuta

MELO, J. Acessibilidade e autismo – materiais pedagógicos. 2010

MINAYO, M C. de S.. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa ed.São Paulo: Hucitec, Abrasco, 1998.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér e PRIETO, Rosângela Gavioli. Inclusão escolar: pontos e contrapontos. In: Atendimento escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: um olhar sobre as políticas públicas de educação no Brasil. São Paulo: Summus, 2006, p. 31-69

ORRÚ, S.E. (2003). A formação de professores e a educação de autistas. Revista Iberoamericana de Educacion,

SASSAKI, Romeu Kazumi, **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. 6. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2005.

SASSAKI, Romeu K. Inclusão: Construindo uma Sociedade para todos.Rio de Janeiro: WVA, 1999

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, T. T. **O currículo como fetiche.** Autêntica: Belo Horizonte, 1999

SILVA, Divino. MARIA, Renata. **Valores, preconceito e práticas educativas.** Casa do psicólogo, 2005.

SACKS, Oliver. Um antropólogo em Marte. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

.Wing, L., & Gould, J. (1979) **Severe impairments of social interaction and associated abnormalities in children: Epidemiology and classification.** *Journal of Autism and developmental Disorder.* 9,11-29

ANEXOS

Questionário realizado na pesquisa de campo:

- 1- Defina autismo.
- 2- Entre os seus alunos existem casos de crianças com características autistas?
- 3- No seu entendimento quais as características mais marcantes em um aluno autista?
- 4- Como foi a experiência de trabalhar com esses alunos?

Perspectivas profissionais no campo da educação.

Na área de atuação de um pedagogo é bastante ampla e que estes profissionais podem trabalhar em instituições de ensino em geral, atuando como professor ou em áreas correlacionadas. Além de órgãos públicos de educação, podendo ser na área de planejamento, fiscalização ou mesmo na coordenação de programas públicos de educação.

Temos o pedagogo atuante na sala de aula, Professor realmente é o responsável pela educação das crianças, pois é ele que atua desde a educação infantil ao ensino fundamental I, que é a base para a formação da criança.

Um pedagogo atuante na área da saúde, trabalha motivando e animando as crianças enfermas, desta maneira, ela se sente segura e enfrenta esse momento que está doente, na perspectiva de que irá melhorar e sair logo daquela situação. Propondo que não abandone os estudos e salientando a importância de estudar para sua vida futuramente.

Pedagogo atuante em uma empresa no setor de recursos humanos, O pedagogo na empresa desempenha um bom trabalho, por meio de suas atividades em que consiste treinar o pessoal da empresa, valorizando os clientes da empresa. Dessa forma, a empresa chama atenção pelos bons serviços prestados ao público, onde são bem recebidos, além de proporcionar um bom relacionamento entre os funcionários da empresa.

Portanto, o profissional pedagogo tem várias áreas de atuação, cabendo o mesmo trabalhar em áreas afins seja, no âmbito escolar ou não, mais que se trabalhem ações educativas. Atualmente sabemos que há inúmeros profissionais qualificados no mercado de trabalho, capacitados a exercer sua profissão de forma competente e acima de tudo elevando a qualidade do ensino. Esse profissional está capacitado para desenvolver projetos que envolva todos, sem excluir raça, nível social ou cultural, pois são eles que se capacitam para passar todos os conhecimentos de educação, socialização e democratização de nossos direitos.

A necessidade de educadores é grande em nosso país. Nossa população é predominantemente jovem e a instituição escolar vai precisar cada vez mais de professores e com boa formação.

Minha perspectiva profissional após a minha formatura é atuar na área como professora de ensino infantil, acredito que a profissão deve ser exercida com amor e dedicação, Muito mais do que simplesmente ensinar, um professor aprende. Cada novo dia de aula é um novo aprendizado. Sendo assim, quem gosta de aprender terá uma vida de aprendizado infinito.